

APRESENTAÇÃO

O texto que segue é resultado da pesquisa desenvolvida durante meu estágio pós-doutoral, junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Franca, sob a supervisão do professor doutor Agnaldo de Souza Barbosa, no âmbito do Programa Nacional de Pós-Doutorado, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES), entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2019.

Trata-se de uma investigação acerca dos nexos entre a questão agrária e o desenvolvimento econômico-social brasileiro das últimas décadas. Além disso, estudou-se como a questão agrária vem sendo modificada pelas transformações do padrão de acumulação/valorização de capital no país, ao mesmo tempo em que condiciona a expansão capitalista brasileira, sua integração para fora, ao sistema global do capital, e sua desintegração para dentro, dada pelas abissais desigualdades sociais. Esse processo de modificação foi marcado pelas fases de ascensão e declínio do capital, desde a constituição do sistema sociometabólico vigente.

A proposta inicial desta pesquisa era investigar o centro crítico da questão agrária na atualidade, particularmente no quadro de ascensão do

chamado neodesenvolvimentismo⁴, tomando como referência o período dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. A intenção era dar continuidade ao estudo que desenvolvi acerca do padrão de desenvolvimento dos agronegócios no Brasil e sobre a atualidade histórica da reforma agrária (FIRMIANO, 2016). Buscava, assim, estabelecer possíveis conexões entre a crise estrutural do capital, o neodesenvolvimentismo e a questão agrária brasileira, segundo a determinação recíproca entre o desenvolvimento do capital, implicado pelas novas condições de reprodução, e a questão agrária.

A ideia geral, já esboçada em trabalho anterior, era que a crise do capital, como processo permanente de redução da viabilidade da margem produtiva, condena o país ao lugar que historicamente ocupou na divisão internacional do trabalho, qual seja, de produtor e fornecedor de *commodities* para o mercado internacional. Integrando o circuito global do capital nessa condição, porém, o Brasil passa a reiterar os expedientes históricos da dependência – agora sob os nexos da financeirização da economia global, reavivando, em escala cada vez maior, os setores primários da economia e suas correspondentes forças políticas –, não como obstáculo ao desenvolvimento, mas como condição para a expansão capitalista interna. Com isso, ao invés de superar a questão agrária, torna-a uma contradição explosiva. Sob o neodesenvolvimentismo, a possibilidade histórica de ruptura dos nexos da sua integração para fora e desintegração para dentro se revelou como a completude do caminho da servidão, trilhado desde o fim da ditadura civil-militar de 1964 aos dias atuais.

Muitas das ideias aqui apresentadas são parte de uma construção coletiva. Sou legatário do debate que companheiros e companheiras do

4 Sobre o neodesenvolvimentismo ver FIRMIANO, Frederico Daia. Wahlverwandtschaft: pós-neoliberalismo e neodesenvolvimentismo no Brasil. *Revista Outubro*, n. 22, 2º semestre de 2014. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/11/6_Frederico-Firmiano.pdf. Acesso em: 19 jan. 2019.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vêm produzindo ao longo dos anos. Digo isso sem querer me eximir da total responsabilidade sobre o texto – motivo pelo qual escrevo em primeira pessoa do singular.

Registro, por fim, que o desenvolvimento desta pesquisa se deu no contexto do golpe que subtraiu Dilma Rousseff do governo e da ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Com isso, em minha avaliação, as tendências explosivas da questão agrária aqui expostas, sobretudo na segunda parte do texto, devem se aprofundar com maior velocidade que aquela com a qual vinham se processando no plano do desenvolvimento econômico-social e político brasileiro dos últimos 30 ou 40 anos. Tenho expectativas de que minha análise esteja equivocada, ou que as lutas da classe trabalhadora brasileira sejam capazes de intervir na história com a energia necessária para conter o impulso destrutivo do capital sob a mais reacionária condução política que a democracia brasileira foi capaz de nos legar no pós-ditadura civil-militar (1964-1985).

Passos, novembro de 2021.

SUMÁRIO

19

Introdução

PARTE I: A QUESTÃO AGRÁRIA NO CENTRO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL BRASILEIRO

26

Capítulo 1

Quando a investigação sobre o desenvolvimento capitalista brasileiro encontra a questão agrária

40

Capítulo 2

O desenvolvimentismo realmente existente no Brasil

50

Capítulo 3

O rural brasileiro sob a ótica do desenvolvimentismo

61

Capítulo 4

A reestruturação permanente do sistema do capital sob condições de crise estrutural

71

Capítulo 5

A reestruturação política e produtiva do campo brasileiro nos anos 1990

83

Capítulo 6

O (verdadeiro) caminho da servidão:
a reiteração permanente da dependência

PARTE II: A EXPLOSÃO DA QUESTÃO AGRÁRIA

98

Capítulo 7

O novo centro crítico da questão
agrária brasileira e suas contradições explosivas

7.1 A concentração fundiária | 102

7.2 A intensificação do controle direto e indireto
do capital transnacional sobre a exploração agrícola | 109

7.3 A utilização intensiva de fatores de produção altamente
destrutivos para a natureza e para a saúde humana | 119

7.4 A fome e o empobrecimento da dieta alimentar | 131

7.5 As formas contemporâneas de biopirataria | 140

7.6 Os conflitos por terra, água e a violência no campo | 150

7.7 A pobreza, a precarização permanente das
relações laborais e a eliminação do emprego no campo | 159

174

Capítulo 8

Considerações finais: da integração
para fora à desintegração para dentro

183

Referências

195

Sobre o autor